

FICHA TÉCNICA

Título original: *A Dog's Purpose — Ellie's Story*

Autor: *W. Bruce Cameron*

Ilustrações: *Richard Cowdrey*

Copyright © 2015 by W. Bruce Cameron

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *Ana Cristina Pais*

Imagem da capa: © *Getty Images*

Design da capa: © *Peter Lutjen*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, outubro, 2015

Depósito legal n.º 397 810/15

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

1

A primeira coisa que senti foi o cheiro da minha mãe e o sabor do seu leite.

Tive de abrir caminho à força até ela, debatendo-me por cima e por entre os corpos macios e felpudos dos meus irmãos e irmãs, para chegar ao bendito leite e encher o estômago vazio. Contorci-me e empurrei com as pernas franzinas, devagar, até sentir o gosto do líquido doce e quente cair-me na língua.

Daí a poucos dias, os meus olhos abriram-se e consegui vislumbrar o rosto castanho-escuro de minha mãe e o cobertor azul-claro onde estava deitada, embora inicialmente estivesse tudo muito enevoadado.

Às vezes, quando me sentia só, com frio ou perdida, choramingava, encostando-me mais a ela. Os meus irmãos e irmãs ficavam sempre confusos e tomavam as minhas lamúrias por sinais de fraqueza. E saltavam-me para cima. Eram sete, todos castanhos com manchas pretas, e eu não entendia porque é que tinham tanta dificuldade em perceber quem é que mandava ali.

Se não fosse a mãe, seria eu, já que, a meu ver, o cachorro mais esperto era eu.

Uma mulher com mãos meigas e uma voz ainda mais meiga costumava descer um lanço de escadas para nos ver. No primeiro dia, a minha mãe rosnou-lhe, só um bocadinho, e a mulher teve o cuidado de não se aproximar. Mas depois a minha mãe aparentemente mudou de ideias, e decidiu que não tinha mal a mulher pegar-nos, fazer-nos festas e estreitar-nos contra ela.

Tinha um cheiro interessante, aquela mulher. A algo limpo (algum sabão), a algo delicioso (comida) e a algo que era só dela. Não me importava — muito — que pegasse em mim, mas ficava aliviada sempre que me pousava delicadamente no cobertor ao lado de minha mãe.

De vez em quando, um homem descia as escadas para olhar igualmente para nós e para trazer um prato de comida e uma tigela de água para a minha mãe. Aquela água! A primeira vez que me aproximei da tigela para a cheirar, um dos meus irmãos empurrou-me pelas costas e eu caí de cabeça na tigela.

Que frio! A água subiu-me pelo nariz acima e fez-me arder os olhos, e quando eu tentei ganir e avisar a minha mãe de que precisava de ajuda, a água entrou-me também para a boca. Precisei de todas as minhas forças para me levantar daquela tigela escorregadia e sacudir o pelo de modo que ficasse limpo e seco. Depois disso, mantive-me o mais possível longe da tigela de água. O meu irmão agiu como se não fosse nada com ele, embora a culpa tivesse sido claramente dele.

Passadas algumas semanas, quando as minhas pernas estavam mais fortes, o homem desceu as escadas com algo grande e castanho na mão. Pousou a coisa castanha no chão e pegou com cuidado num dos meus irmãos, metendo-o lá dentro.

— Para a caixa, amigo — disse o homem. — Não te preocupes, que não é por muito tempo.

O meu irmão ganiu. Conseguia ouvi-lo, mas não conseguia vê-lo! Todos nós começámos a ganir e a ladrar à medida que o homem pegava em nós, um a um, e nos punha onde pusera o meu irmão — dentro da caixa.

Era como estar numa sala minúscula, cujo chão e paredes eram feitos de algo liso e escorregadio. As minhas pequeninas patas escorregaram. E escorregaram ainda mais quando o homem levantou a caixa no ar.

Os meus irmãos e irmãs caíram uns por cima dos outros, tentando perceber o que estava a acontecer. Eu pus-me de pé em cima de duas das minhas irmãs, dependurei as patas na borda da caixa e espreitei para fora. O homem subia as escadas



e a minha mãe caminhava apressadamente atrás dele. Aquilo fez-me sentir melhor. Se a mãe também vinha, era porque não devíamos ir para nenhum sítio perigoso.

— Epa, para dentro, menina — disse o homem. — Não caias.

Afastou delicadamente as minhas patas da borda da caixa, e eu caí em cima do mesmo irmão idiota que me empurrara para dentro da tigela de água, e que me mordiscou o pé antes de eu o conseguir tirar.

O homem levou-nos durante mais algum tempo e depois pousou a caixa. Ele e a mulher tiraram-nos, um a um, lá de dentro.

Estávamos num sítio incrível. Chamava-se rua.

A luz foi a primeira coisa que vimos. Era tão intensa, que durante alguns minutos quase não enxerguei nada. Depois havia alguma coisa esquisita sob as minhas patas — alguma coisa maleável e macia, como o cobertor, e que, porém, picava. Relva! Mordisquei-a para lhe mostrar quem mandava. Como ela não me tivesse mordiscado de volta, achei que o assunto estava encerrado: quem mandava na relva era eu.

E os cheiros! Sentira os cheiros de minha mãe e dos meus irmãos de ninhada, do cobertor onde vivêramos e da mulher e do homem que nos vinham visitar. Mas agora o ar mexia-se, soprando por mim e fazendo-me cócegas no nariz com um milhão de cheiros que eu não era capaz de decifrar. Os meus irmãos e irmãs passaram por mim a correr, a ganir, a cambalear, a bater com o focinho no chão e a rebolar. Eu fiquei quieta, de nariz no ar, tentando perceber onde estava.

A relva sob as minhas patas tinha um cheiro forte e fresco. Havia outro cheiro subjacente a esse, escuro, denso e rico. Cheirava a alguma coisa que era capaz de ser boa para esgaravatar. O ar em movimento trouxe outros cheiros de mais longe — a algo fumado e saboroso do interior da casa, a algo doce dos arbustos que a ladeavam, a algo desagradável, azedo e malcheiroso que passou a bufar, do outro lado de uma alta cerca de madeira.

E a algo misterioso, peludo e vivo, como eu.

Era o cheiro de um cão adulto que estava num cercado. A minha mãe foi ter com ele, tocando os narizes através de uma

cerca de arame. Eu sabia que o outro cão era macho, como os meus irmãos, e percebi que era importante para a mãe. Sem saber como, soube que aquele cão era o meu pai.

— Ele parece ir dar-se bem com os cachorros — disse o homem à mulher.

— Vais-te portar bem, *Bernie*? Queres sair?

O nosso pai chamava-se *Bernie*. A mulher abriu-lhe a porta. Ele saiu desarvorado, farejou-nos e depois foi fazer chichi na cerca.

Nós corremos todos em tropel atrás dele, caindo constantemente, mas levantando-nos de seguida. *Bernie* baixou o focinho e um dos meus irmãos saltou e mordeu-lhe as orelhas. Que falta de respeito! Mas ele pareceu não se importar. Limitou-se a sacudir a cabeça, fazendo o meu irmão rebolar no chão.

Alguns dos outros cachorros tomaram aquilo como um convite e lançaram-se sobre *Bernie*, que atirou delicadamente uns quantos para o lado, farejou os demais e se aproximou de mim.

Como eu não o mordi nem me atirei a ele, pude ficar de pé. Mas ele baixou o focinho, farejou-me todo e pôs uma pata em cima de mim, só porque lhe apeteceu.

Eu sabia que não devia oferecer resistência. Podia mandar nos meus irmãos de ninhada, mesmo que alguns deles pensassem de maneira diferente, mas quem mandava em mim era aquele pai cão, tal como a mãe. Deixei-o esmagar-me contra a relva macia e maleável e manter-me assim durante alguns segundos, antes de *Bernie* se afastar para deixar que o homem lhe fizesse festas e o coçasse por trás das orelhas.

Depois disso, fomos à rua todos os dias. Descobri que a substância escura e fascinante sob a relva era terra. E descobri igualmente como me certificar de que os meus irmãos e irmãs não ficavam com a ideia errada sobre mim. Eles esgueiravam-se por trás de mim e lançavam-se ou corriam através do quintal para esbarrarem comigo, pelo que eu tinha de rosnar e mostrar os dentes ou rebolar até ficar por cima. Em seguida, afastava-me e mais tarde aproveitava para os apanhar de surpresa.

Era curioso como não aceitavam pura e simplesmente o facto de eu ser o líder. Debatiam-se, contorciam-se e tentavam esmagar-me com as patas minúsculas, tal como *Bernie* fizera com a sua pata grande. No entanto, como não eram nem o pai nem a mãe, nunca os deixei levar a deles avante. Eles, porém, nunca desistiram.

Às vezes, *Bernie* também brincava connosco, e a mulher saía com umas coisas que tinham um cheiro esquisito para roermos.

— Aqui estão os vossos brinquedos, cachorros — dizia ela.

Então, certo dia, apareceu um homem novo no quintal. Tinha umas ideias diferentes sobre o que era brincar. Primeiro bateu sonoramente as palmas. Um dos meus irmãos ganiu e correu para a mãe. Uns quantos outros deram alguns passos atrás e um choramingou. Eu também me sobressaltei, mas algo me disse que não havia perigo. O homem pegou naqueles que não tinham parecido assustados e colocou-nos numa caixa, levando-nos para uma zona diferente do quintal. Um a um, tirou-nos para fora. Quando chegou a minha vez, pousou-me na relva e depois deu meia-volta e afastou-se de mim, como se se tivesse esquecido de que eu estava ali. Segui-o, curioso para ver o que faria a seguir.

— Linda cadelinha! — disse-me.

Uma linda cadelinha, só por ir atrás dele? Aquele tipo era um trouxa. Então o homem tirou alguma coisa do bolso, abriu-a e colocou as dobras macias por cima de mim.

— Então, menina, consegues descobrir como se sai da *T-shirt*? — perguntou.

Eu não fazia ideia do que se passava, mas não gostei. O algodão branco estava por todos os lados, como se eu estivesse embrulhada num cobertor. Tentei lutar com ela, mostrar-lhe quem é que mandava, tal como fizera com os meus irmãos de ninhada. Não funcionou. Podia arranhá-la ou mordê-la, que ela não se ia embora. Agarrava-se a mim, ao meu focinho, ao meu corpo.

Tentei andar, achando que talvez conseguisse fugir dela. A *T-shirt* acompanhou-me. Rosnei e sacudi a cabeça com força,

o que ajudou um pouco. O tecido afastou-se-me do focinho e eu vislumbrei relva verde próximo da minha cauda.

A minha cauda! Era isso! A maneira de sair daquela coisa era andando às arrecuas. Foi o que fiz, sacudindo novamente a cabeça para me livrar da *T-shirt*. Em poucos segundos, estava cá fora na relva. O homem estava perto, por isso corri para ele para receber mais elogios.

A mulher saíra para o quintal para ver.

— A maioria deles demora um ou dois minutos a desenven-tilhar-se, mas esta é muito esperta — comentou o homem.

Ajoelhou-se e pegou em mim, virando-me de costas na relva. Contorci-me. Não era justo. Ele era tão maior que eu!

— Ela não gosta disso, Jakob — disse a mulher.

— Nenhum deles gosta. A questão é: irá ela parar de se deba-ter e deixar-me liderar ou irá continuar a resistir? Tenho de ter um cão que saiba que quem manda sou eu — respondeu o homem à mulher.

Ouvi a palavra «cão» e não me souou a zanga. Não estava a ser castigada. Mas *estava* a ser imobilizada. Era mais ou menos como quando *Bernie* me empurrara de encontro à relva no primeiro dia em que o conhecera. E aquele homem *era* maior do que eu, tal como *Bernie*. Talvez isso significasse que quem mandava era ele, tal como o pai.

Fosse como fosse, concluí que não sabia que jogo era aquele, por isso descontraí. Parei de me debater.

— Linda cadelinha! — repetiu o homem.

Deduzi que o nome dele era Jakob. Tinha, sem dúvida, umas ideias esquisitas sobre como brincar com um cachorro.

Em seguida, tirou algo liso e branco do bolso e amarrotou-o. Quando o fez, ouviu-se o barulho mais fascinante do mundo! Quem me dera conseguir ver melhor: mais do que isso, quem me dera sentir-lhe o sabor.

Que coisa nova *era* aquela?

— Queres, menina? Queres o papel? — disse Jakob.

Queria! Ele mexeu-o de um lado para o outro diante do meu focinho e eu persegui-o, abocanhando, procurando agarrá-lo.

Não fui capaz! A minha boca era demasiado pequena e a minha cabeça movia-se demasiado devagar. Então o homem atirou a coisa ao ar e eu corri atrás dela. Pumba! Caí em cima dela com ambas as patas da frente e pus-me a roê-la. *Ah! Agora bem podes tentar tirar-ma!*

Tinha um sabor interessante, mas não tão bom quanto eu pensava. Fora mais divertido quando se estava a afastar. Peguei nela e fui dá-la ao homem, deixando-a cair a seus pés. Depois, sentei o traseiro na relva e abanei a cauda, na esperança de que ele percebesse a indireta e atirasse outra vez.

— Esta — disse Jakob. — Fico com esta.